

10 de Maio de 2005 15:50

Berlim inaugura memorial para judeus vítimas do Holocausto

Por Noah Barkin

BERLIM (Reuters) - Um amplo memorial do Holocausto, inaugurado na terça-feira no centro de Berlim, após 17 anos de acalorados debates, trará orgulho para muitos alemães, mas também poderá atrair vândalos, disse o político encarregado de descerrar o monumento.

"Acredito que ele será aceito pela nova geração, mas certamente não por todos", afirmou Wolfgang Thierse, presidente do Parlamento alemão, a uma rádio. "Haverá oposição, indiferença e negação."

O memorial consiste em uma área de 2.711 pilares semelhantes a lápides. Ele fica entre o Portão de Brandemburgo, principal marco da cidade, e o local do antigo bunker subterrâneo de Adolf Hitler.

A inauguração contará com as presenças do arquiteto norte-americano responsável pela obra, de líderes da comunidade judaica alemã e de sobreviventes do Holocausto. A partir de quinta-feira, o memorial estará aberto ao público 24 horas por dia.

Thierse admitiu que isso deixa o local vulnerável a vândalos, mas disse que cabe aos alemães zelar por seu novo monumento.

A idéia de construir uma obra para lembrar as vítimas do Holocausto começou a ser discutida ainda antes da queda do muro de Berlim, em 1989.

Alguns criticaram a proposta por ser abstrata demais e por ocupar um lugar tão nobre da cidade. Outros contestaram o fato de o memorial homenagear apenas os judeus, não todas as vítimas do terror nazista.

Lea Rosh, jornalista que liderou a campanha pela construção, estima que cerca de metade dos alemães ainda se opõe ao resultado.

Mas os simpatizantes dizem que o memorial é um poderoso símbolo da disposição alemã em encarar o passado.

"Pode-se argumentar sobre como foi feito, mas nenhum outro país erigiu um monumento aos seus crimes. É corajoso", observou Michael Cullen, historiador norte-americano de arquitetura, radicado em Berlim, que escreveu bastante sobre a obra.

O arquiteto Peter Eisenman, que já assinou o Centro Wexner para Artes Visuais, em Ohio (EUA), e a Cidade da Cultura, na Galícia (Espanha), considera esta obra uma metáfora do regime nazista, com a natureza louca e sistemática de seu genocídio.

À distância, o memorial parece um oceano escuro e plácido, num terreno irregular e abaixo do nível da rua. Ao descer, o visitante percebe que os blocos de concreto, sem quaisquer marcas, chegam a 4,7 metros de altura e se contorcem em ângulos estranhos. O barulho da rua some.

O objetivo da experiência é transmitir a sensação de desconforto e solidão, incentivando a

reflexão sobre o drama dos seis milhões de judeus que morreram nas mãos do Terceiro Reich.

Um centro de informação subterrâneo, acrescido ao plano original a pedido do governo alemão, conta histórias de judeus de toda a Europa que foram mortos por nazistas.

"Minha única esperança é que as pessoas saiam do memorial diferentes do que entraram", disse Shimon Stein, embaixador de Israel na Alemanha, à emissora alemã n-tv.